

**José Rentes de Carvalho, *O Meças*, Lisboa, Quetzal, 2016, 184 p. ISBN 9789897222863.**

Em 2013, numa entrevista concedida ao *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, referindo-se ao romance que acabava de publicar, J. Rentes de Carvalho (1930) afirmava: «Creio, aliás, que não voltarei tão cedo ao género, pois é difícil manter a sequência e evitar que os personagens não baralhem o enredo». O novo romance de J. Rentes de Carvalho não vem necessariamente contradizer aquelas palavras, uma vez que passaram já três anos desde a saída de *Mentiras & Diamantes*. Mas não nos parece arriscado dizer que a maioria dos leitores do autor de *Ernestina* terá recebido com grande surpresa a notícia da publicação de *O Meças*, o oitavo romance de um escritor que também tem sobressaído na crónica, no conto e no diário.

J. Rentes de Carvalho é um escritor moderno desde o seu primeiro romance, *Montedor* (1968), reeditado em finais de 2014. Este livro expõe o mundo interior de uma personagem, em discurso de primeira pessoa, mas não descuida a realidade exterior (o contrabando, a emigração, a política obscura e corrupta, a desvergonha e a impunidade dos poderosos, a influência do clero, as desigualdades económicas e sociais, o atraso sociocultural):

Volto as costas sem saber se zomba. A Madame! Passa e faz que não vê. Bom traste. «Mon cher petit». E promessas. E cartas. Outra que encontrou nicho. Viscondessa. Peso-lhe tanto como a primeira camisa que vestiu. Não tem obrigação, bem sei, mas não precisava de atazanar... «Oh! Paris!» «Oh! Les Champs Elysées!»... O tontinho a acreditar que tudo aquilo vinha de dentro como nos romances, que o doutor Fulano ia arranjar... que o doutor Fulano fazia força com ambas as mãos! (pp. 134-135)

*Montedor* é um romance psicológico, mas é também um romance de formação de matriz autobiográfica e de ação, e não menos um romance realista que vai buscar os temas e motivos ao quotidiano mais comum e nos revela uma sociedade em conflito. Assistimos a um número significativo de peripécias dramáticas e ao drama interior do protagonista desde o momento em que ele reprova nos exames que lhe dariam acesso a um «diploma» e a um bom emprego, testemunhamos os momentos principais da sua vida, desde a ida para a tropa, ao regresso a casa e ao casamento por obrigação, e somos levados a estabelecer uma comparação com a vida de quem escreveu o livro. J. Rentes de Carvalho deixou Portugal, viveu em cidades como o Rio de Janeiro, Nova Iorque e Paris, e estabeleceu-se na Holanda em 1956, onde teve condições para desenvolver uma carreira como escritor de méritos rapidamente reconhecidos no país que o recebeu. O protagonista de *Montedor* ficou em Portugal, e aí, fechado dentro de si, perdeu toda a liberdade e dignidade. Um romance, como se vê, e por razões óbvias a todos, tão atual na década de sessenta como hoje, em que Portugal exporta mão de obra altamente especializada (e também, ainda, não qualificada).

*O Meças*, como *Montedor*, é um romance sobre Portugal. Esta fórmula, que tem sido usada para definir a ficção de J. Rentes de Carvalho, apesar de não ser inexata, é muito incompleta. *Montedor* articula a representação da intimidade mais profunda de uma personagem com a representação dos problemas de Portugal, e

estabelece uma relação entre o tempo interior do protagonista e o tempo cronológico do país salazarista. A um tempo histórico e a um quotidiano no qual existem figuras que dir-se-ia terem séculos, a um tempo que passa sem que se alterem as questões que em Portugal parecem ser irremediáveis (o patriarcado, as diferenças e a hostilidade entre ricos e pobres, o atraso sociocultural e económico, o imobilismo, a corrupção), corresponde o tempo interior vivido pelo narrador-personagem, que é um perdedor atormentado até ao paroxismo. Com diferenças de perspectiva, de intensidade e de técnica narrativa, esta leitura aplica-se a outros romances do autor, em particular a *O Rebate* (1971) e *A Amante Holandesa* (2000, Holanda, 2003, Portugal). Mas o que traz originalidade a estes conteúdos é a omnipresença da memória e das emoções que afligem o sujeito e se sobrepõem à sua vontade. *O Meças*, organizado em quatro partes, ou em cinco, se considerarmos as «Anotações» finais, está em consonância com a sensibilidade, o pensamento e escrita de J. Rentes de Carvalho, que tem procurado compreender a origem, o significado, os mecanismos e as expressões quer da sua memória e das suas emoções, quer da memória e das emoções portuguesas (e não só).

No primeiro capítulo, o narrador de terceira pessoa apresenta-nos António Roque, conhecido como o Meças, e é através do seu discurso inquiridor que assistimos à tragédia permanente deste homem violento e angustiado pela presença inexorável de um passado que se faz presente e futuro devido a uma complexa e incontrolável relação de causa e efeito entre perdas humilhantes e comportamentos, sentimentos e emoções induzidos por essas perdas e humilhações:

Mas donde vêm os que sem hora nem aviso o assaltam e molestem? [...] A alguns nem sequer conhece, ou talvez não lembre, serão os que enterramos fundo no esquecimento, a vala comum dos amores traídos, das amizades findas, das derrotas, traições e ignomínias a que o viver obriga, mesmo quando a decência é o norte. (p. 11).

No segundo capítulo, agora em discurso de primeira pessoa assumido pelo meio-irmão de Meças (que não sabe que aquele é seu meio-irmão, filho, como ele, do «Senhor Engenheiro»), a memória, enquanto presença interior hipersensível, é também constante. No terceiro capítulo regressa o narrador de terceira pessoa, que, mais uma vez, representa o interior mortificado de Meças, e no quarto volta o meio-irmão da personagem que dá título ao romance. O meio-irmão de Meças, que se fixou em Newcastle, vem a Portugal com a intenção de revelar a Meças o que os une, mas, afinal, decide não o fazer (ainda assim, através de uma mentira, consegue fazer com que Meças aceite um cheque com o valor da herança que lhe cabe, à qual ele junta a sua parte, porque simplesmente não a quer). Educado, civilizado, preso às origens e ao mesmo tempo distante ou distanciado delas, ele é também, por circunstâncias diversas (o carácter violento do pai, ter frequentado um colégio interno, ter-se, enfim, visto a «crescer sozinho», como ele próprio diz, saber-se nascido num país corrupto e atrasado), assaltado pela memória involuntária (Henri Bergson) e dolorosa.

O romance de J. Rentes de Carvalho publicado há poucas semanas, como toda a obra ficcional deste autor, representa as emoções e as memórias repentinas e avassaladoras de personagens portuguesas, e indaga e explora a sua raiz, os seus

sentidos e as suas implicações. O meio opressivo e opressor português está na origem das emoções e das memórias dos dois meios-irmãos deste livro (a que poderíamos juntar a advogada que trata da expropriação das terras do «Senhor Engenheiro»), um culto e bem-educado, o outro precisamente o oposto. *O Meças* é uma representação de grande parte da sociedade portuguesa de meados do século XX até aos nossos dias, ou da sociedade portuguesa de qualquer tempo e de qualquer lugar. As personagens do romance não encontraram soluções para o seu desassossego, mas podem ajudar-nos a ver mais em profundidade o que nos rodeia, a compreender e a controlar as nossas inquietações, as nossas memórias e as nossas respostas emocionais em relação a Portugal e a nós próprios.

Carlos Nogueira  
Universidade de Vigo

**Sophie Pointurier, *Théories et pratiques de l'interprétation de service public*. Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, coll. « Les fondamentaux de la Sorbonne Nouvelle », 141 p., 2016. ISBN 978-2-87854-699-6.**

Sophie Pointurier est chercheuse en traductologie, interprète entre le français (langue vocale) et la langue des signes française (LSF), maître de conférence et responsable du master d'interprétation français – LSF de l'École supérieure d'interprètes et de traducteurs à la Sorbonne Nouvelle, Paris 3.

En 2014, j'ai eu le plaisir de faire la connaissance de Sophie en tant que membre du jury pour la soutenance de sa thèse de doctorat en traductologie (*L'interprétation en langue des signes française : contraintes, tactiques, efforts*). J'ai été très impressionnée par son travail et son engagement pour la cause des interprètes LSF qui interviennent dans les diverses situations de l'interprétation de service public.

Deux années se sont écoulées et fin 2016, j'ai lu sur les réseaux sociaux qu'elle avait publié un manuel dédié à l'interprétation de service public en général et plus particulièrement à l'interprétation en langue des signes. Quelques semaines plus tard, lors d'une visite à l'ESIT et d'une petite entrevue avec Sophie, cette dernière m'a offert son livre que je vais caractériser brièvement.

Rares sont les publications traductologiques qui sont aujourd'hui encore écrites en français et non dans la *lingua franca* actuelle – l'anglais – qui domine actuellement toute la recherche scientifique.

Cet ouvrage pédagogique présente l'interprétation de service public comme un domaine de spécialité à part entière, avec des enjeux humains, éthiques, psychologiques, culturels et techniques propres à cette pratique.

La première partie de cette publication se compose de cinq chapitres. Tout d'abord, l'auteure se penche sur l'histoire de l'interprétation pour aborder (chapitre 2) les principales théories et modèles de traduction appliquées à l'interprétation de dialogue. Elle décrit plus en détail la théorie interprétative de la traduction et de l'interprétation qui fut longtemps la principale théorie de l'ESIT, développée et enseignée grâce à Danica Seleskovitch dans les années

soixante. Ses idées sur les étapes de compréhension, de déverbalisation et de conceptualisation assurant une restitution cohérente du message original restent, avec le Modèle d'efforts de Daniel Gile, parmi les modèles et théories universellement acceptés et reconnus par les chercheurs du monde entier. Ensuite, dans le chapitre trois, Sophie Pointurier décrit les particularités de l'interprétation de dialogue du point de vue de la sociolinguistique : elle parle du rôle de l'interprète dans l'interaction, de la collaboration entre l'interprète et les orateurs et du respect des normes de communication. Le chapitre quatre parle des aspects psychologiques dans l'interprétation et de l'impact des interactions sur l'interprète, du transfert, de l'identification à l'autre, de l'affectif, ainsi que de sa neutralité et de son impartialité. Ces notions et concepts seront traités plus largement dans le chapitre suivant – chapitre cinq – qui se concentre sur l'éthique et la déontologie, sur le secret professionnel, la confidentialité et la discrétion, la fidélité, l'impartialité, la neutralité et l'indépendance, et sur la probité et l'intégrité de l'interprète. L'auteure y présente ses réflexions sur l'éthique et sur le mythe de la neutralité de l'interprète et soulève des questions majeures en vue d'une future nouvelle déontologie pour les interprètes de dialogue et de service public qui travaillent avec les migrants économiques et réfugiés politiques, ainsi qu'avec les sourds et malentendants, bref avec des personnes qui ne parlent pas la langue nationale du pays, ici concrètement, de la France.

La seconde partie de l'ouvrage, composée d'un seul grand chapitre (6) est une application pratique de l'interprétation de dialogue et de LSF dans trois contextes différents : en milieu judiciaire, en milieu médical et enfin, en milieu scolaire

Sophie Pointurier y fixe d'abord ce qu'elle appelle *les fondamentaux*. Elle parle de la préparation de l'interprète, de la présentation, de son placement (ceci est important notamment pour les interprètes en langue des signes), même de son regard, du choix des modalités d'interprétation, de l'adaptation culturelle et des détours du *je* (nous savons que l'interprète dans la quasi-totalité des situations parle à la première personne – étant la voix de l'orateur dans la langue originale) dans des contextes spécifiques (interprétant pour un enfant par exemple, ou dans des situations tendues et émotionnelles – l'interprète peut passer à la 3<sup>e</sup> personne pour montrer clairement qui est l'orateur principal et qui est l'auteur des paroles prononcées et interprétées).

L'auteure décrit ensuite de manière détaillée et minutieuse le déroulement de l'interprétation dans les trois milieux et contextes mentionnés ci-dessus.

Quand elle caractérise l'interprétation en milieu judiciaire, elle la décline, selon les situations, en interprétation devant les tribunaux, auprès des services de police et de gendarmerie, pour les victimes de violences physiques et sexuelles, pour les mineurs (enfants et adolescents).

Quand elle passe à l'interprétation en milieu social, elle délimite les pouvoirs et le statut des principaux acteurs à l'interaction (médecin – interprète – patient) avec une ouverture sur l'éthique.

En dernier lieu, Sophie parle de l'interprétation en milieu scolaire, elle cite des études qui ont déjà été effectuées à ce sujet et les difficultés que ressentent les interprètes LSF quand ils doivent interpréter tous les discours pédagogiques dans les diverses matières enseignées à l'école et quand ils se heurtent surtout aux

problèmes de méconnaissance du lexique, aux situations d'examen ou aux considérations de limites techniques. Elle cite des exemples de bonnes pratiques.

Cet ouvrage nous démontre que l'interprétation de service public n'est pas un acte anodin (p.133-134.). L'interprète ne fait pas que reformuler machinalement ce qui se dit dans une langue pour le restituer dans l'autre langue. Il apporte son expertise, comprend les besoins de chaque situation particulière de communication, analyse et choisit les tactiques traductionnelles pour y répondre. L'interprète est la personne clé de l'insertion et ce, dans le respect de chacun.

Ivana Čeňková  
Université Charles

**Adriána Koželová, *Preklad kultúrnych referencií z antiky a kultúrna kompetencia prekladateľa*, Prešov, Prešovská univerzita, 2017, 259 p. ISBN 978-80-555-1826-8**

Adriána Koželová, traductologue, hispanisante et romanisante rattachée à l'Institut d'études romanes de l'Université de Prešov en Slovaquie, a publié une monographie intitulée *Preklad kultúrnych referencií z antiky a kultúrna kompetencia prekladateľa* [La traduction des références culturelles relatives à l'Antiquité gréco-romaine et la compétence culturelle du traducteur]. Comme indiqué dans le titre de l'ouvrage, celui-ci se focalise sur les questions liées à la traduction des références culturelles antiques, fréquentes dans les cultures et dans les langues européennes. L'auteur aborde ce sujet dans le contexte du rapport entre la culture et la traduction, et en lien avec la compétence culturelle du traducteur. Il s'agit d'une approche qui relève de l'orientation récente des études translatologiques vers les aspects extralinguistiques du processus de traduction ainsi que de la conception de la traduction en tant que communication interculturelle.

Avant d'aborder les questions translatologiques proprement dites, l'étude traite, dans un premier temps, des notions de culture en général et de culture antique en particulier afin de les définir pour les besoins d'une approche translatologique. Ensuite, l'attention est consacrée à la relation entre la culture et la traduction : Adriána Koželová présente différentes classifications existantes des références culturelles et définit son propre point de vue qui consiste à considérer les éléments de la culture de départ comme une intention de l'auteur du texte (KOŽELOVÁ, 2017 : 57). Aussi propose-t-elle de classer les références culturelles selon deux catégories en fonction de l'intention de l'auteur : spontanées et intentionnelles. La suite de l'ouvrage traite des possibilités de traduction de ce type de références, puis des obstacles et difficultés qui se posent lors de la traduction des références culturelles, et des références à l'Antiquité grecque et romaine en particulier, et qui influencent la qualité de la traduction finale. Ces obstacles peuvent être, selon l'auteur, subjectifs, objectifs ou du type subjectif-objectif.

Suit la partie analytique de l'ouvrage, soit le chapitre 4, dans lequel Adriána Koželová s'appuie sur le corpus d'exemples qu'elle a constitué sur la base de textes écrits en slovaque ainsi que de textes traduits en slovaque, dans le but de pouvoir analyser l'utilisation des éléments linguistiques et culturels renvoyant à la civilisation antique et d'identifier les problèmes concrets liés à leur utilisation et à leur traduction dans la langue slovaque (transcription, orthographe, déclinaison, interprétation...). Est ainsi soumise à une analyse détaillée une quinzaine d'expressions idiomatiques fréquentes telles que *le talon d'Achille*, *le travail de Sisyphe*, *le fil d'Ariane*, *l'épée de Damoclès* ou *le nœud gordien*. Les problèmes relevés au niveau de l'utilisation des références à l'Antiquité motivent par la suite la réflexion de l'auteur sur l'importance de la compétence culturelle du traducteur et sur les façons existantes de prévenir des erreurs commises lors de leur traduction dans une autre langue.

La monographie présentée relève du domaine des études translatologiques appliquées. Son auteur s'appuie sur des concepts actuels en mettant l'accent notamment sur le caractère communicationnel et interdisciplinaire de la traduction ainsi que sur les questions de qualité de la traduction et de son évaluation. Son objectif est non seulement d'identifier les problèmes liés à la traduction des références culturelles à l'Antiquité mais aussi de suggérer des stratégies pouvant aider le traducteur à éviter des erreurs ou glissements lors de leur traduction et de rappeler l'importance des compétences autres que proprement linguistiques, en l'occurrence culturelles, du traducteur.

Outre le fait d'insister sur ces compétences, prises encore parfois insuffisamment en compte dans la pratique de la traduction, le travail d'Adriána Koželová a le mérite d'attirer l'attention sur des problèmes liés à la traduction d'un type spécifique de références culturelles partagées par nombre de cultures et de langues, quoique sous une forme légèrement variable. La connaissance générale, bien que souvent seulement approximative ou imparfaite, de ces éléments au sein des cultures respectives les rend en effet susceptibles d'être facilement sous-estimés et donc traduits d'une manière erronée.

L'ouvrage est écrit en langue slovaque ce qui limite pratiquement le nombre de ses récepteurs potentiels aux lecteurs slovaques et tchèques, en dépit de la portée générale des principes et des conclusions formulées. Nous regrettons ainsi que l'auteur n'ait pas mis davantage à profit ses connaissances linguistiques pour baser ses analyses sur un corpus plurilingue et qu'elle n'ait pas rédigé son travail dans une de ses langues étrangères actives pour lui permettre une diffusion plus large, car il s'agit d'une problématique pertinente particulièrement dans le contexte de la traduction de ou vers les langues (et cultures) romanes.

Kateřina Drsková  
Université de Bohême du Sud

# ÉCHO DES ÉTUDES ROMANES

Revue semestrielle de linguistique et littératures romanes

Numéro thématique :

*Simulatio et Dissimulatio.*

*De la simulation et de la dissimulation dans la littérature*

coordonné par

Veronika Černíková, Kateřina Drsková,  
Ivana Oviszach et Josef Prokop

Publié par l'Institut d'Études Romanes  
de la Faculté des Lettres  
de l'Université de Bohême du Sud,  
České Budějovice

avec la participation financière de

l'association Gallica

ISSN : 1801-0865 (Print)  
1804-8358 (Online)

*L'article qui précède a été téléchargé à partir du site officiel de la revue:*

[www.eer.cz](http://www.eer.cz)

**Numéro du volume :** Vol. XIII / Num. 2 (volume thématique)  
2017

## **Indications relatives au volume thématique :**

**Titre :** *Simulatio et Dissimulatio. De la simulation et de la dissimulation dans la littérature*

**Responsables éditoriaux :** *Veronika Černíková, Kateřina Drsková, Ivana Ovizzsach, Josef Prokop*

**Comité scientifique :** *Táňa Alešová (Université de Silésie à Opava), José Luis Bellón Aguilera (Université Masaryk), Francis Claudon (Université Paris-Est), Michel Erman (Université de Bourgogne), Alice Flemrová (Université Charles), Anna Housková (Université Charles de Prague), Petr Kylaoušek (Université Masaryk), Zuzana Malinová (Université de Prešov), Éva Martónyi (Université catholique Péter Pázmány), Daniel Nemrava (Université Palacký à Olomouc), Jitka Radimská (Université de Bohême du Sud), Juan A. Sánchez (Université Charles), Jiří Špička (Université Palacký à Olomouc), Eva Voldřichová-Beránková (Université Charles)*